

GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação**KIT ANTI-HOMOFOBIA: O QUE OS SUJEITOS FALAM E SUAS RESSONÂNCIAS
À EDUCAÇÃO SEXUAL**Walkíria Martins¹**1 INTRODUÇÃO**

Com o advento da internet, e sua popularização, os espaços de informação e interação sofreram reconfigurações que veem corroborando com a constituição e produção de novos sujeitos na contemporaneidade, marcados e demarcados pelos diferentes discursos que os interligam e desterritoriza-os nas redes flexíveis e contingentes. Hoje os sujeitos não apenas leem e pesquisam na internet, como também produzem informações que tem efeitos sobre os outros sujeitos e, conseqüentemente, sobre seus corpos. Sobre esses aspectos, acreditamos ser pertinente resgatarmos os registros foucaultianos no que confere a invenção do homem e seu, talvez, fim próximo (FOUCAULT, 2007), quando registra

[...] podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas do que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia (FOUCAULT, 2007, p.536).

Embora Foucault não tenha vivido para acompanhar o desenvolvimento e intensificação do uso da internet, seu estudo ecoa até nós como possibilidade de análise da exterioridade desses discursos autônomos; estudo da situação dos seres humanos na cibersociedade, onde a fluidez das interrelações entre sujeito-espaço-tempo corroboram com o

¹ Pedagoga, Professora do Departamento de Educação I - UFMA, Mestra em Educação - UFMA. walkiria.ma@hotmail.com.

desvanecer de homens e mulheres. As informações difundidas na internet suscitam, cada vez mais, os sujeitos a falarem de si, a confessarem sobre suas verdades, de modo que essas possam ser acolhidas por outros. Podemos afirmar, então, que a internet assume cada vez mais um caráter pedagógico, ou seja, concorre com a produção da identidade e subjetividade dos sujeitos? De que modo podemos evidenciar o lugar da internet na produção de verdades?

Em Michel Foucault encontramos um abrigo teórico fértil às pesquisas na área das ciências humanas e sociais, pois ele nos permite rever o lugar do sujeito na produção do saber, bem como as continuidades e discontinuidades nas relações de poder. Por saber, Foucault (2008) sinaliza ser aquilo que se diz em uma prática discursiva, de modo a atender uma vontade de poder que produz os sujeitos. Nesse sentido, o poder está presente em todos os lugares, ele manifesta-se no governo dos homens pelos homens. Como ele registra “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010, p.30), e serão estas relações de saber-poder que constituem e determinam o sujeito. Logo, a internet configura-se como janela do visível e do enunciável dos regimes de verdade que determinam os sujeitos de certo tempo e lugar.

Acreditamos, ainda, que a busca pela verdade do saber nas coisas ditas e escritas na internet, por vezes, encontra-se encoberta de incertezas nas informações apresentadas que, nos inquietam, nos impulsionam a desvelar as interrogações que surgem. E são elas, as interrogações sobre os discursos (re)produzidos na internet no que concerne a polêmica gerada pós anúncio da adoção do material didático intitulado *kit anti-homofobia* nos espaços escolares, no ano de 2010, que nos impulsionam por hora. Desse modo, busca-se analisar com apoio metodológico na análise do discurso, os processos subjetivos apresentados em artigos publicados nas páginas da internet, a partir do processo de comunicação que é travado entre os sujeitos, a forma como trataram as temáticas sobre sexualidade enquanto objeto de ensino. O que interessa na análise do discurso é “mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria” (FOUCAULT, 2008, p.53) e que formam os sujeitos.

2 ESCRITOS SOBRE O MATERIAL

O material didático, kit anti-homofobia, integra as ações do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNPCDH-LGBT) que reúne, aproximadamente, 160 diretrizes elaboradas pela Secretaria de Direitos Humanos e em parceria com entidades não governamentais. O material

foi anunciado no seminário “Escola Sem Homofobia”, ocorrido em 23 de novembro de 2010 na Câmara dos Deputados, e baseia-se em estudos que identificaram que as escolas brasileiras hostilizam os/as adolescentes homossexuais. O anúncio pulverizou manifestações de diferentes sujeitos (representantes políticos, especialistas, religiosos, anônimos), principalmente, na internet.

A elaboração do kit anti-homofobia apresenta íntima relação com as mudanças geradas pelo sistema capitalista, sobretudo na década de 1990, quando houve alterações significativas no mundo do trabalho, além de transformações culturais, ideológicas e educacionais. As reformas educacionais delineadas no Brasil nesse período, alinham-se com os acordos da Conferência de Jomtien², com os documentos elaborados pelo Banco Mundial (BM) e Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), que traçam como prioridade para os países em desenvolvimento a educação básica³, tendo em vista a formação de corpos dóceis para atenderem o mercado de trabalho, ou seja, assumirem uma função social específica. O que irá promover alterações significativas nas orientações curriculares para as escolas de educação básica no país.

No que confere as mudanças curriculares, observa-se a inclusão das discussões sobre a educação sexual⁴ nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) via tratamento transversal dos conteúdos ministrados no interior das várias áreas do conhecimento. Os Temas Transversais foram selecionados por seu caráter de urgência social, abrangência nacional, necessidade de ensino-aprendizagem e possibilidade de favorecer a compreensão da realidade e participação social. Dentre essas urgências e justificativas⁵ sociais destacadas nos

² Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada na cidade de Jomtien, na Tailândia, em 1990, na qual participaram das discussões a UNESCO, o UNICEF, PNUD, o Banco Mundial e ONG's. A partir da conferência foi elaborada a Declaração Mundial de Educação Para Todos (e aqui caberia uma observação da exclusão do gênero feminino na escrita do título do documento) que fornece novas definições e abordagens sobre as necessidades básicas de aprendizagem, tendo em vista estabelecer compromissos mundiais para garantir a todas as pessoas os conhecimentos básicos necessários a uma vida digna, visando a uma sociedade mais humana e mais justa.

³ Observamos que o caráter prioritário não é bem a Educação Básica, mas o Ensino Fundamental, uma vez que, na agenda neoliberal para a América Latina, de *descentralização* (visando ampliar a ação do Estado nas funções econômicas em detrimento das funções sociais), de *focalização* (nos setores mais pobres da população) e de *privatização* (deslocação da produção de bens e serviços para o setor privado), a Educação Profissional deve ser assumida pelos provedores privados e o Ensino Médio e Superior devem ser privatizados. Ressaltamos que os documentos não fazem nenhum registro quanto à Educação Infantil (BEHRING, 2003).

⁴ No País, datam da década de 1970, do século XX, já na Lei 5.692/71 resguarda-se aos orientadores educacionais e professores(as) da área de Ciências e Programa de Saúde a legitimidade para abordar sobre a sexualidade; é certo que a partir de um discurso do *cuidado com o corpo*. Com a Carta Magna de 1988, gênero e sexualidade passam a ser colocados a partir do discurso do direito humano, que ganha força no governo de Fernando Henrique Cardoso quando este assumiu maior compromisso com os organismos internacionais de políticas nesta área.

⁵ Destacamos que essa justificativa não é nova. A LDB nº 5.692/71, ao incluir no ensino de 1º e 2º grau a disciplina “Programa de Saúde”, os guias curriculares e publicações de livros eram voltados a conteúdos

Parâmetros, a Orientação Sexual⁶ na escola assume caráter de educação para a saúde, sobretudo a partir da ocorrência, cada vez maior, de casos de AIDS no Brasil e no Mundo (BRASIL, PCN, 1997).

Como desdobramento das políticas educacionais de inclusão de temáticas voltadas ao tratamento da sexualidade no espaço escolar, temos o material denominado de Kit anti-homofobia anunciado nos espaços de comunicação para ser utilizado, inicialmente, em seis mil escolas públicas a partir do ano de 2011. É sobre esse objeto que voltamos o nosso olhar por hora, especificamente sobre os discursos (re)produzidos em alguns destes espaços virtuais de comunicação, ou seja, sobre o que se sabe do seu surgimento? Quem são os sujeitos do discurso? O que dizem sobre o Kit anti-homofobia? Interessam-nos, aqui, os significados e repercussão desses discursos no campo da educação, o modo como certas verdades sobre sexualidade repercute nos sujeitos, ou seja, tecer os diversos modos como a sexualidade é apresentada no “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p.122), fazer emergir a complexa rede de “técnicas de si” que interpelam os sujeitos.

3“TÉCNICAS DE SI”: PODER E SABER QUE SE (RE)PRODUZEM A PARTIR DO KIT

Nesta parte do trabalho, concentramo-nos na discussão do conjunto de estratégias de linguagem, visíveis ou não na internet, que condicionam e orientam os modos de ser dos sujeitos na contemporaneidade. Nesse sentido, compreendemos que a internet apresenta-se não apenas como veículo de informação, mas como um dos elementos determinantes na produção das identidades e subjetividades desde o final da segunda metade do século XX. Como registra Foucault sobre as tecnologias do eu, elas

relacionados à saúde e à educação sexual. O tratamento do tema sexualidade, nessa época, imbrica-se com os trabalhos de orientação, prevenção médica à população jovem, considerada em “risco”, o que justifica a necessidade de controle e disciplinamento dos corpos juvenis quanto à sexualidade.

⁶ Nomenclatura usada na indicação dos Temas Transversais apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, instituídos pelo MEC em 1997. Até o final do século XX, utilizava-se o termo Educação Sexual. Já na década de 1990, após os PCN, passou-se a designar “Orientação Sexual”. Mas, tem havido ampla discussão sobre o termo e muitas linhas de pesquisa e debates conceituam “orientação sexual” como uma natureza de identidade ou identificação sexual de gênero (identidade hetero, homo e bissexual).

[...] permitem aos indivíduos efetuar, por seus próprios meios e com a ajuda de outros um certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obedecendo assim uma transformação de si mesmos com o objetivo de alcançar certo grau de perfeição, felicidade, pureza, sabedoria, ou imortalidade (FOUCAULT, 1990, p. 48, tradução nossa).

É possível inferir que a tecnologia é social antes de ser mera técnica. Daí a relevância de questionarmos a produção e projeção dos *discursos de verdade sobre si* que circulam na internet, as aproximações discursivas sobre o kit anti-homofobia e os ditos e escritos pelos sujeitos. Para tanto, selecionamos alguns registros divulgados na internet e que nos ajuda a pensar sobre: Os modos como os enunciados sobre o kit foram registrados? De que posição e lugar falam os sujeitos? Que efeitos esses discursos ocupam na educação sexual? Nosso enfoque são as relações entre sujeito e verdade e os diferentes modos de dizer a si e a sociedade sobre seus saberes aprendidos e confessados sobre sexualidade. Registramos que

Desde o século XVI, as técnicas confessionais distanciaram-se de um contexto puramente religioso e difundiram-se, penetrando em outros domínios [...]. Através dela, os prazeres mais particulares do indivíduo, as próprias emoções da alma poderiam ser solicitados, conhecidos, medidos e regulados (DREYFUS; RABINOW, 2013, p.231).

Logo, em que domínio o material foi elaborado? Reconhece-se que o caráter regulatório provocará a elaboração do Kit anti-homofobia, pois o material é fruto de pesquisa realizada em 2008 sobre preconceito, discriminação e bullying em escolas públicas brasileiras. De acordo com Rosilea Wille, responsável pelo projeto e coordenadora Geral de Direitos Humanos do MEC, vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), a pesquisa

[...] foi feita em 501 escolas de diferentes regiões, com quase 20 mil atores. Foi comprovado que o grau de homofobia é altíssimo. Pesquisamos vários aspectos: pessoas com deficiência, a questão de gênero, orientação sexual. Os homossexuais estão entre os mais discriminados. Em cima disso, a Secad entendeu que era preciso desenvolver ações para assegurar o direito à educação de todas as pessoas (MEC prepara..., 2014).

Há o interesse de regular os comportamentos de discriminação gerados pela orientação sexual a partir da educação. Daí que o MEC planejava a distribuição do *Kit anti-homofobia* (que inclui vídeos, cadernos de orientação a professores/as, uma carta endereçada ao diretor/a da escola, cartazes para os murais e boletins para a distribuição aos alunos e alunas) às escolas públicas do Ensino Médio. O objetivo era que temas como homossexualidade, transexualidade e bissexualidade fossem debatidos nas salas de aula com

alunos(as) com idade entre 14 e 18 anos, e com isso, **acabar com a discriminação** de homossexuais no ambiente escolar (apud Polêmica...2012). É interessante observarmos a sobreposição da cultura heterocêntrica sobre as demais orientações sexuais, que devem ser debatidas, confessadas, como um *crime* para o qual o kit foi pensado com fim de *acabar*. O material elaborado pelo Estado tem como objetivo o governo sobre o corpo político dos sujeitos da escola, os quais são capturados pelos dados estatísticos sobre os quais devem exercer seu controle. Desse modo, o sujeito passa a ser ao mesmo tempo, efeito e objeto do entrecruzamento das relações de poder e saber.

Portanto, as coisas ditas na internet em torno do Kit implicam a heterogeneidade daquilo que é visível, o que torna relevante extrairmos alguns enunciados à título de ajudar na análise dos discursos sobre sexualidade e educação, visto que no contexto das mudanças paradigmáticas que emanam com o advento da web 2.0, a internet é um dos espaços mais “democráticos” que emergiu nos últimos anos; é fato que a web se transformou em espaço para discursos que abordam diferentes temas sociais, o que não seria diferente com o *Kit anti-homofobia*. Por ser uma temática de âmbito social, cultural, político e econômico a sexualidade humana desperta, promove discursos de diferentes naturezas, tal multiplicidade discursiva nos convida a compreendermos os saberes (re)produzidos nesses espaços, os quais tornam-se práticas cotidianas e interpelam os sujeitos. O que justifica, agora, enveredarmos em torno de alguns dos discursos produzidos em torno do Kit, os murmúrios de nossa época.

Nossa primeira parada enunciativa enfoca a própria nomenclatura do material didático em si. O material é chamado de “Kit anti-homofobia” e “Kit contra-homofobia” pelo MEC, especialistas e partidários do seu uso na escola. Já os sujeitos contrários ao uso do material na escola, o denominam de “Kit-gay”.

Sobre os termos:

Quadro 1

Termo	Significado⁷
Kit	Expressão de origem inglesa que designa um conjunto de ferramentas, de instrumentos.
Contra	Preposição que indica oposição.
Anti	Prefixo que indica oposição a.
Homofobia	Do Grego (homo-igual + phobia-medo). No ano de 1966 o termo foi utilizado pelo psicoterapeuta, escritor e ativista americano George Weinberg para designar aversão, ódio à pessoa homossexual.
Gay	Do latim gaiu, palavra inglesa que significa alegre, jovial. Sendo utilizado comumente para designar homens e mulheres homossexuais, bissexuais.

⁷ Extraído do **Dicionário on line de Português**. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 17 de maio de 2014.

A indicação do significado dos termos nos faz pensar sobre a validade do material como instrumento capaz de se opor ao ódio existente às pessoas homossexuais, ou mesmo, de ser um instrumento que ensina a orientação sexual que deve ser seguida. Uma das principais vozes defensoras da segunda ideia é a do Deputado Federal Jair Bolsonaro (PP-RJ), que em sessão no Plenário da Câmara, realizada no dia 30/11/2010, atacou a iniciativa a fim de impedir a circulação do kit. Do púlpito o Deputado diz:

Atenção, pais de alunos de 7, 8, 9 e 10 anos, da rede pública: no ano que vem, seus filhos vão receber na escola um kit intitulado Combate à Homofobia. Na verdade, é um estímulo ao homossexualismo, à promiscuidade. [...] Essa história de homofobia é uma história de cobertura para aliciar a garotada, especialmente os garotos que eles acham que têm tendências homossexuais (Digo não...2014).

Na época, o Deputado distribuiu panfletos em escolas do Rio de Janeiro com informes que reafirmavam sua fala de 'incentivo do homossexualismo' nas escolas pelo MEC e grupos LGBT. O texto do panfleto afirma que as crianças podem virar presas fáceis para pedófilos e outras "atrocidades".

Em resposta aos informes vinculados na internet e pelo Deputado, Rosilea Wille, diz:

Foi colocado que vamos passar informação sobre diversidade sexual e identidade de gênero para crianças de sete anos. Isso nunca foi a decisão do Ministério. O projeto está sendo pensado para o Ensino Médio. Não é um projeto que vai cair de paraquedas nas escolas. Vai ser vinculado à formação dos professores. Há todo um anteparo, uma sustentação pedagógica (MEC prepara...,2014).

É importante observarmos que, de acordo com as informações dos/as elaboradores/as, tal projeto será vinculado à formação dos professores⁸, no entanto tal vínculo carece de maiores esclarecimentos para que possamos compreender a concepção de formação que se articula ao projeto. Ainda sobre o projeto, a Coordenadora afirma:

O que está sendo dito é totalmente distorcido. Não queremos incentivar a homossexualidade. Ela não precisa de incentivo algum. Queremos incentivar o respeito à cidadania, à não violência, à dignidade humana. Quem está falando isso são pessoas homofóbicas, fundamentalistas religiosos. Estes são os grandes incentivadores da violência e do desrespeito (MEC prepara..., 2014).

E ressalta que:

⁸ Enfoque ao gênero masculino, ou seja, as professoras não são reconhecidas e incluídas no contexto da linguagem inclusiva.

Os vídeos são extremamente didáticos. Explicam a questão do travesti, do bissexual, da lésbica. São muito **bacanas** porque vão ajudar o adolescente a entender a situação. Muitas vezes, o preconceito vem da desinformação. Estamos super tranquilos com esse trabalho. Ele não vai ser censurado por pessoas homofóbicas (MEC prepara..., 2014).

Vale pontuarmos que o caráter pedagógico de um material, que será utilizado no espaço escolar, pode ficar comprometido se o critério de avaliação limitar-se ao fato que o considera *bacana* ou não, ou mesmo, aos aspectos de interesses que fogem ao coletivo.

Em consonância com as justificativas apresentadas por Rosilea Wille, Clara Goldman, vice-presidente do Conselho Federal de Psicologia (CFP), afirma que:

O argumento esconde um princípio de que essa sexualidade é ruim e tem que ser combatida, evitada. Essa é a base do pensamento homofóbico. O kit não orienta, não estimula, mas problematiza. Coloca no seu devido lugar a discussão que deve ser feita. O objetivo é que as pessoas LGBT possam ser respeitadas e que caibam na nossa sociedade, nos nossos espaços coletivos, o respeito a essa diversidade.

Acho que a ideia de se produzir um material específico, que possa orientar essa discussão, é muito bem-vinda. Nós apoiamos o kit, mas nosso apoio não se restringe a ele. É em relação à luta pela promoção dos direitos dessa população em todas as políticas públicas, não só na educação. Apoiamos como uma possibilidade a mais de que, na formação, essa questão possa ser discutida com mais qualidade, assentada em princípios que sejam realmente de direitos humanos (MEC prepara..., 2014).

As temáticas que envolvem a sexualidade humana articulam-se a dimensão social, política, econômica e cultural, no entanto somente o Conselho Federal de Psicologia (CFP) se posicionou publicamente sobre o projeto. Por que somente está área do conhecimento? Seria a orientação sexual um tema exclusivo dos/as especialistas da Psicologia? A psicanálise como prática terapêutica da sexualidade desempenha seu papel desde o século XIX, início de incitação do discurso da ciência a partir do uso de procedimentos de regulação da sexualidade, é o que Foucault (2011) chama de *scientia sexualis*.

Entre os profissionais ouvidos sobre o material temos ainda o jurista Ives Gandra Martins. Contrário ao projeto, ele diz que o material

[...] pode ser visto como uma concessão de privilégios aos gays, bissexuais, travestis e transexuais. Segundo ele, não há como se exigir um tratamento diferenciado a essa minoria, se todas as garantidas estão asseguradas na Constituição. “Não podemos indicar que se ensine isso na escola para crianças (Polêmica..., 2014).

Com a palavra, o Ministro da Educação

Na quarta-feira [18/03/2011], o ministro da Educação Fernando Haddad negou, após se reunir com parlamentares, que o material seja autorizado pelo MEC. “Estão atribuindo um material ao MEC que não é oficial.” Segundo ele, nada foi ainda distribuído nas escolas e tudo que for produzido deverá passar pela aprovação da Comissão de Publicação do ministério. As cartilhas e vídeos estão sendo elaboradas por uma empresa tercerizada pelo MEC (Polêmica...,2014).

Estes registros nos permitem perceber o lugar de onde os sujeitos falam. Sobre o pano de fundo da política, da religião e da medicina desenvolve-se toda uma tecnologia de regulação dos sujeitos a partir da sexualidade, para tanto utilizam dados estatísticos; ideias de que a orientação sexual é aprendida; que a sexualidade do sujeito precisa ser problematizada para que seja inserido na sociedade como cidadão de direito; “o homossexual é tratado como uma espécie” (FOUCAULT, 2011, p.51), ditos com a finalidade de intervir no corpo social, de incitar outros sujeitos a falarem, confessarem.

Site TERRA MAGAZIENE (MEC prepara...,2014)
<p><u>CrisLiv</u> - “Agora vou solicitar ao Mec o kit anti-HETEROFOBIA. Um dia desses fui chamada de homofóbica pq me recusei a ouvir mais uma história de sexo de um gay hiper-ativo sexualmente. Ele não aceitou q eu estivesse apenas enjoada de tantas histórias e disse q minha recusa é fruto de um preconceito q eu, até então, estava escondendo. Nunca fui preconceituosa com coisa nenhuma,mas,diante a minha indisposição em ouvir mais uma das milhares de histórias q ele já havia me contado, ele resolveu polemizar se baseando nesse tal kit. Espero apenas, q meu direito de ser hetero seja respeitado por todas as classes” (10/06/2011, 15h56).</p> <p><u>CAROL E DARLENE</u> - “Não sei porquer chamar AMOR HOMOSSESSUAL de baixaria, se desde que inventaram a TV só se vê as poucas vergonhas destes “héteros” se beijando, tirando as roupas e fazendo quase 99% de sexo, isto as crianças pode assistir? Isto sim e uma falta de respeito, direitos iguais, se vocês “héteros” não respeitam, porquer esconder um amor verdadeiro? Nós vamos fazer o que vocês ‘héteros’ não fazem: Adotar, ter uma família de vergonha e respeito. Nossa primcesinha tem mais educação do que filhos de hipócritas” (06/06/2011, 23h01).</p> <p><u>KeI</u> “O HOMEM TOMA SUAS PRÓPRIAS DECISÕES,PODE CRIAR LEIS E INVENTAR ESSAS COISAS ******, SÓ QUE QUEM CONCORDAR COM TUDO ISSO QUE ESTÁ SURGINDO VAI ESTAR NÃO CONTRA O MUNDO,É CONTRA A PALAVRA DE DEUS. EM APOCALIPSE ESTÁ BEM CLARO A RESPEITO DO SEXO” (10/06/2011, 23h46).</p>
Site UOL (Ministério...2014)
<p><u>Renato Nunes</u> · Universidade de São Paulo - “ao invés de gastar com o kit gay, o mec deveria usar o dinheiro para melhorar o ensino basico (matematica, portugues, historia...) nas escolas publicas!”(31 de Outubro de 2011 às 18:34).</p> <p><u>Rosana Almeida Magalhães</u> · 2 grau completo - “Com certeza é o fim dos tempo! Até que ponto estamos chegando, a própria "educação"ensentivando ISSO nas escolas.Issó é o papel the família, a escola mal consegue ensinar os alulos coisas como matemática, e quer ensinar ISSO, O QUE QUE É ISSO GENTE! NÃO VAMOS NOS CALAR!”(24 de Maio de 2011 às 15:14).</p> <p><u>Joelia Zarantonelli</u> · Unifai -“Homem nasce homem, mulher nasce mulher; mas a escola pode ajudar a mudar isso! Que Deus tenha misericórdia daqueles que crem e praticam sua Palavra! É importante que saibam que o cristão é contra o homossexualismo; não contra o homossexual!” (23 de Maio de 2011 às 14:23).</p>
Site eleicoeshoje (Digo não..., 2014)
<p><u>ALAN CASTRO</u> disse: “Já que falamos de liberdade de expressão, temos o direito de expressar nossa indignação quanto a toda essa boiolagem que estão tentando nos empurrar goela a baixo de homofobia.....eu tenho o direito de não aceitar isso.....como eles mesmo dizem, é uma opção sexual, e já que é uma opção, nós podemos optar por não querer que nossos filhos achem que isso é normal como eles querem. Não sou a favor de</p>

discriminação contra qualquer tipo de opção, seja ela sexual, religiosa ou discriminação racial. Ninguém está livre de ter um homossexual dentro de casa, mas dizer que vou ter orgulho disso, aí não.....temos o direito de dizer a nossos filhos que isso é uma aberração, uma distorção do que é certo ou errado um câncer. Vamos acabar com essa boiologia”(maio 13, 2011 às 9:58 pm).

André disse: “Quem aceita com naturalidade este tema tem que ler a biblia, eu Repudio o mec por esta ideia , tenho filhos pequenos, e nao quero isto para eles ,graças a Deus meus filhos nao estao nesta me..... de escola publica , e mais os pais que dizem que aceitam, que seu filho tem este desvio de conduta , e mentiroso ,nenhum pai cria um filho de um sexo ,para quando adolescente ter outro sexo” (abril 3, 2011 às 11:04 am).

Isael disse: “Ninguém escolheria ser gay, pois ninguém gostaria de ser odiado,maltratado e por muitas vezes perder a família. ENTÃO SÓ PODE SER DOENÇA PORQUE NORMAL É QUE NÃO É !” (março 9, 2011 às 5:16 pm).

Rodrigo disse: “Pelo jeito como o deputado trata da homossexualidade ele deve ser um e, por não ter assumido demonstra esse preconceito absurdo [...]” (dezembro 17, 2010 às 1:13 pm).

A sexualidade é apresentada discursivamente pelos sujeitos que assumem certas verdades como suas, a partir daquilo que os outros dizem. Os enunciados apresentam verdades heteronormativas, religiosas, médicas; enunciados que questionam o papel do Estado e da Família quanto à educação sexual. Há, como registra Foucault (2011) uma incitação a falar da sexualidade que carrega em si, diferentes maneiras de não dizer daqueles que estão autorizados a falar e os que não. Embora haja discursos favoráveis ao material didático, a materialidade histórica nas coisas ditas sobre sexualidade produzem verdades na formação social que incidem sobre o projeto

Após protestos das bancadas religiosas no Congresso, a presidente Dilma Rousseff determinou nesta quarta-feira (25/05/2011) a suspensão do “kit anti-homofobia”, que estava sendo elaborado pelo Ministério da Educação para distribuição nas escolas, informou o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Gilberto Carvalho (Dilma Rousseff..., 2014).

Os registros sinalizam para a relação existente entre teoria e prática a partir da interligação do discurso vinculado sobre o kit, da recepção dos sujeitos e do tratamento dado ao tema. Os discursos de poder e saber sobre a sexualidade assume sua materialidade prática via objeto mote “kit”. O visível o enunciável ganham exterioridade prática naquilo que se diz sobre a sexualidade e como se diz. Os enunciados aqui não são neutros, carregam as marcas de um tempo conectado aos ciberespaços.

4 ISTO NÃO É UMA CONCLUSÃO...

Visto que a materialidade dos discursos ganham outros campos práticos e estas, são apenas linhas por onde deixamos surgir nossas ideias sobre o tema em tela. Ideias que se situam na intersecção dos sujeitos, educação e sexualidade que tomam como pano de fundo o

anúncio do kit anti-homofobia. Anúncio que reativou discursos estimulados a partir do século XVIII, de “[...] incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de análise de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais” (FOUCAULT, 2011, p.30).

Entre o discurso pelo uso do kit e do seu não uso na escola, a primeira é relegada. Os ditos produzem-se na prática. A discussão da sexualidade objetivada pela heteronormatividade recebe novo tratamento histórico na cibersociedade. A escola e seus sujeitos, não foram ouvidos, nem mesmo chamados, foram subjetivados nessa relação de saber-poder. O que fazer então? Recuperar o que pode ser conhecido e o que pode ser feito, de modo que possam compreender as práticas e os efeitos da educação sexual. Educação Sexual que não se limita a inspiração mítica, divina, médica e/ou midiática, mas que a considere como campo de conhecimento holístico, complexo, como diria Morin (2005). Mas essa é uma discussão que, por hora, não comporta espaço nestas linhas.

REFERÊNCIAS

BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em contra-reforma: desestruturação do estado e perda de direitos**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Tema Transversal-Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Digo NÃO ao “Kit Gay”! Disponível em: <<http://www.eleicoeshoje.com.br/kit-gay/#axzz31Wtyw0OA>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2014.

Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro. Disponível em: <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2011/05/dilma-rousseff-manda-suspender-kit-anti-homofobia-diz-ministro.html>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2014.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, MICHEL **Tecnologias del yo – Y otros textos afines**. Tradução de Mercedes Allendesalazar. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **História da sexualidade I. A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

MEC prepara kit anti-homofobia e provoca reação. Disponível em:<<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4851100-EI6594,00-MEC+prepara+kit+antihomofobia+e+provoca+reacao.htm>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2014.

Ministério da Educação lança kit polêmico para combater homofobia nas escolas. Disponível em:<<http://mtv.uol.com.br/memo/ministerio-da-educacao-lanca-kit-polemico-para-combater-homofobia-nas-escolas>>. Acesso 16 de janeiro de 2014.

MORIN. Edgar. **Educação e complexidade:** os sete saberes e outros ensaios. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Polêmica: MEC quer discutir homossexualismo dentro das escolas. Disponível em:<<http://www.portalmidia.net/2011/05/polemica-mec-quer-discutir-homossexualismo-dentro-das-escolas/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2014.